

Sem Imago Mundi, Antes um Desvio Aleatório, toma como referencial crítico, a obra de Lucrecio¹ **Da natureza das coisas** [**De rerum natura**], poema filosófico dividido em seis livros e texto fundador da cultura ocidental. Considerado autor maldito, motivado pelo atomismo de Demócrito e pela filosofia moral de Epicuro de Samos, Lucrecio declara a presença do homem num universo sem deuses e distancia-se de uma visão antropocêntrica. Proclama a libertação do medo da morte afirmando que os deuses não são mais que ilusões de homens receosos. Como sublinhou Gilles Deleuze, a importância deste texto é de tal forma grandiosa que, depois dele, deixa de fazer sentido perguntar para que serve a filosofia, e mais diz: "com Epicuro e Lucrecio começam os verdadeiros actos de nobreza do pluralismo em filosofia".²

Pensar o presente a partir de e com Lucrecio. Como advertiu Nietzsche, pensar activamente é agir de um modo inactual, contra o tempo e, portanto, no tempo, em favor de um tempo por vir. Introduzindo a ideia de que os átomos não possuem direcções fixas, mas que o caos, a imponderabilidade e o acaso integram o universo, que tudo pode ser criado a partir de tudo e tudo pode ser criado a partir de nada, Lucrecio confronta-nos com a ideia de que o universo não tem fim nem metas. Tudo o que nos rodeia resulta do movimento contínuo de partículas infinitamente pequenas que designamos de átomos e, portanto, a criação não é obra divina. É fonte de felicidade para o homem, saber-se livre e consciente do potencial da imaginação e da paixão. Nenhuma força oculta influencia a existência pois tudo termina com a morte. Depois dela, nada mais existe. Pensar o diverso, o heterogéneo, enquanto tal, é a tarefa na qual fracassaram as filosofias que o antecederam, defende o autor romano. Contestando o conhecimento fundado na autoridade dos antigos, Lucrecio encontrou em diversos autores modernos como Erasmo, Maquiavel, Espinosa, Montaigne, Marx, Nietzsche ou, mais contemporaneamente, Deleuze, generosos leitores da sua obra. Pensando a astronomia, a matéria, a energia

¹ Tito Lucrecio Caro . Poeta e filósofo latino que viveu no século I a.C. [94 a.C.- 50 OU 51 a.C.]

² Gilles Deleuze - *Lógica do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 274.

e o vazio, a história natural da Terra, o relativismo da percepção face ao real, a noção de simulacro, as funções corporais ou o amor apaixonado e arrebatador, o filósofo conduz-nos a um dos seus principais enunciados : o de que tudo o que constitui o universo é formado pela mesma matéria, sejam os oceanos, as pedras ou os homens; cada um integra esse cosmos em movimento contínuo. **Da Natureza das Coisas** é, também, um clássico no sentido que lhe atribui Italo Calvino : "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer (...) Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente os repele para longe."³

É o texto aqui apresentado e fragmentos⁴ de alguns dos livros que constituem a obra em referência, que serão equacionados por um conjunto de artistas. O material de reflexão afigura-se, tão só, como ponto de partida para o projecto expositivo. Este, não se configura numa qualquer representação do mundo, uma *imago mundi*, mas, antes, num desvio aleatório, sem qualquer tipo de redenção. Onde estamos nós com Lucrécio? O que tem ele para nos dizer? E nós, a ele?

Eduarda Neves

³ Italo Calvino - *Porque ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp.11-12.

⁴ Considerando que apenas podem ser escritas 10 páginas, os excertos não cabem nesta proposta. No entanto, serão enunciados na publicação relativa ao projecto.